

Em Portugal, a guerra na Ucrânia significa (também) regresso a défice externo

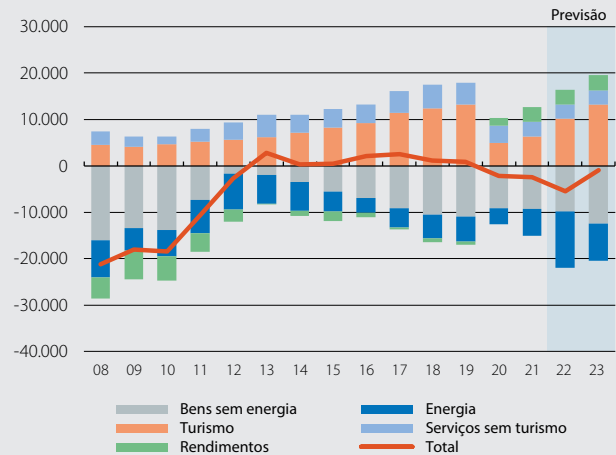
A expectativa de que o controle da pandemia e o crescimento económico iriam permitir que em 2022 o défice da balança corrente diminuísse foi frustrada pela eclosão do conflito na Ucrânia. Os impactos que este está a ter no encarecimento dos bens importados e no crescimento de alguns dos mais importantes parceiros comerciais de Portugal, vem, pelo contrário, acentuar o agravamento do défice a que assistimos nos últimos anos, adiando a tão esperada correção para 2023.

Em primeiro lugar, o aumento dos preços dos bens energéticos irá agravar o défice da balança energética, que em 2021 já atingiu os 5.776 milhões de euros, o défice mais elevado desde 2014, refletindo já o aumento dos preços dos produtos energéticos naquele ano e incremento nas compras de petróleo e gás, associado à retoma da atividade. Por ausência de substitutos, a procura de bens energéticos é relativamente rígida, não se esperando por isso, redução significativa das quantidades importadas. Acresce que o aumento do preço do Brent em 10 dólares por barril e o do gás em 20 euros por megawatt, levaria a que as importações líquidas de energia custassem cerca de mais 4.700 milhões de euros (cerca de 2% do PIB). Tendo em conta estes dois pressupostos, estima-se que o défice energético aumente para cerca de 12,000 milhões de euros em 2022, superando o valor de 8 mil milhões registado em 2008.

Em segundo lugar, embora as relações comerciais com a Ucrânia e a Rússia sejam relativamente reduzidas – as importações destes países representam, respetivamente, 0,4% e 1,3% do total de bens importados por Portugal – a verdade é estes países têm um peso importante em alguns fornecimentos: 13% das importações de coque e produtos petrolíferos vêm da Rússia e 35% do milho e 31% do óleo de girassol vêm da Ucrânia. A guerra também afetará os fluxos comerciais com outras economias, através da menor procura por parte de importantes parceiros comerciais.

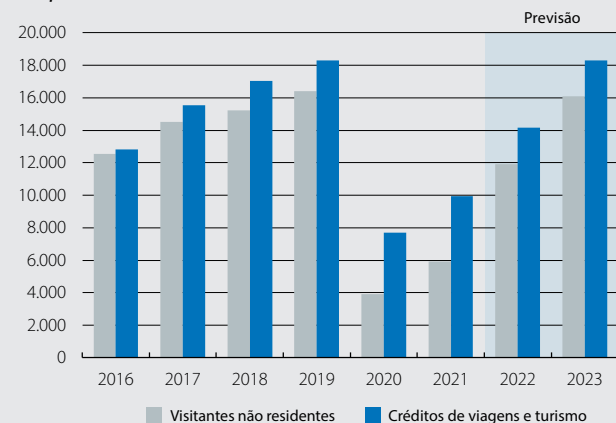
Em terceiro lugar, temos a balança turística, cujo comportamento em 2021 foi promissor, recuperando para cerca de 6.400 milhões de euros, aproximadamente 50% do saldo excedentário registado em 2019; comportamento que se acentuou nos dois primeiros meses de 2022, com a recuperação do respetivo superavit para 1.118 milhões de euros, apenas menos 100 milhões do que no mesmo período de 2019. Adicionalmente, o turismo russo é relativamente reduzido em Portugal, representando cerca de 1% tanto em número de visitantes como nas despesas totais de visitantes não residentes (dados de 2019). Embora conscientes de que é elevada a incerteza quanto ao impacto que o conflito irá ter no turismo europeu – os países europeus são os principais emissores de turistas para Portugal – os indicadores relativos a março e abril fazem-nos crer que Portugal beneficia da percepção de que é um destino seguro, pelo que

Portugal: saldo da balança corrente
(Milhões de euros)



Fonte: BPI Research, com base nos dados do Banco de Portugal.

Portugal: evolução do turismo
Mil pessoas e milhões de euros



Fonte: BPI Research, com base nos dados do Banco de Portugal e INE.

antevemos, num cenário ainda assim cauteloso, que o excedente turístico de aproximará dos 80% do registado em 2019, atingindo cerca de 10.200 milhões de euros.

Em suma, esperamos que a balança turística compense parte da pioria da balança de bens provocada, sobretudo, pelo agravamento do défice energético. Contudo, esta compensação será insuficiente para evitar o agravamento do défice da balança corrente, que em 2022 poderá atingir os 2,2% do PIB, mais 1,1 pontos percentuais do que em 2021, adiando para 2023 o retorno a um comportamento mais equilibrado das contas externas portuguesas. Em 2023, se a evolução dos preços do petróleo e do gás não se afastar muito do que esperamos e se o turismo continuar a recuperar os níveis pré-covid, estimamos que o défice da balança corrente se possa reduzir para cerca de 0,5% do PIB.